

# POR ENTRE SABUGOS E LINHAS DE LÃ, LOBATO: UMA REINVENÇÃO DE SI

Carolina Gonçalves Souza<sup>1</sup>

*Ainda acabo fazendo livros onde as nossas crianças  
possam morar.*

Monteiro Lobato

Morar nos livros... Em carta a seu amigo Godofredo Rangel datada de 07 de maio de 1926, a intenção de Lobato na escritura de livros para as crianças é registrada. Se trata da construção de uma literatura infantil brasileira que marca profundamente a história da literatura infantil brasileira. Neste texto, se trata de falar sobre as marcas da escrita de Lobato na presente professora e pesquisadora em Educação que lê (e ainda re-lê) muitas de suas obras. Ou, mais especificamente, de como morando nos livros de Lobato, deu-se seu encontro com Emília e Visconde de Sabugosa. Ou, ainda, de como estes dois bonecos-personagens a acompanham em sua trajetória de leituras...

O fato é que não há como desvincular a história de leituras de seu leitor, seja ele quem for. Este texto se trata de recorte de pesquisa de Doutorado em Educação que tem como “objetos” de pesquisa alguns bonecos-personagens da literatura infantil, a saber: Soldadinho de chumbo e Bailarina, de Andersen; Pinóquio, de Collodi; Homem de Lata e Espantalho, de Baum; e Emília e Visconde de Sabugosa, de Lobato. O objetivo, tanto desta pesquisa como do texto aqui inscrito é o de percorrer escritos, pessoais e literários, destes autores (e aqui, de Lobato) a fim de buscar pistas, indícios, marcas sobre a construção de seus bonecos-personagens e seus percursos de humanização, pois ao pensar nestes percursos, estes autores estão pensando em Educação, como um conceito mais amplo (e não escolar, somente), sobre que ser humano se quer formar. Outro objetivo é o de aventurar-se na experiência da leitura de uma obra escrita para o público infantil e escrever/ler/poetizar a fim de pensar a própria pesquisa de outro modo, numa experimentação da linguagem que só é possível a quem dela se desprende, dança e se aventura. Instigar... Levar a pensar...

A descrição dos personagens de Lobato aparece, primeiramente, na obra *Reinações de Narizinho*. Emília é um pouco diferente da imagem mais conhecida por todos – não é tão colorida: “Emília foi feita por tia Nastácia, com olhos de retrós preto e sobrancelhas tão lá em cima que é ver uma bruxa” (LOBATO, 2003, p. 7). E, algumas páginas adiante,

Emília engoliu a pílula, muito bem engolida, e começou a falar no mesmo instante. A primeira coisa que disse foi: ‘Estou com um horrível gosto de sapo na boca!’ E falou, falou, falou mais de uma hora sem parar. Falou tanto que Narizinho, atordoada, disse ao doutor que era melhor fazê-la vomitar aquela pílula e engolir outra mais fraca (idem, p. 19).

Nascida praticamente por duas vezes (quando é feita e quando começa a falar), a boneca de pano na história é produzida por mãos artesãs e com materiais que se tem à mão, no entanto, peça única, não há outra igual. Se trata de uma Emília muito próxima das crianças brasileiras. Sua forma de questionar as atitudes dos personagens que aparecem no Sítio do Picapau Amarelo, local onde vive, apresenta traços de uma criticidade incomum para uma simples boneca de pano com cabelos de lã: Bignotto (1999) sugere que

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, São Paulo, Brasil. E-mail: [pedagogacarol@yahoo.com.br](mailto:pedagogacarol@yahoo.com.br).

Ao dar o dom da fala a Emília, Monteiro Lobato estava usando essa espécie de ‘transmissor de sinais’ que é o brinquedo para mandar suas mensagens, sua visão de mundo, para as crianças. Da boca de pano fez sair uma resposta pessoal, singular, para a ‘ordem mundial’ e brasileira de seu tempo. Sua verdade pessoal personificou-se em Emília, e por meio desse outro diálogo mudo que é a literatura, tornou-se uma verdade compartilhada por milhões de leitores” (BIGNOTTO, 1999, p. 113).

Emília-brinquedo se torna, por seus leitores, uma porta-voz para os pensamentos que Lobato queria difundir, apresentando ideias para uma sociedade mais leitora e, portanto, politizada. Ainda assim, não deixa de ser um brinquedo...

Já o Visconde de Sabugosa foi criado/pensado/gestado/construído de outra forma:

O visconde finge de visconde, mas na realidade é rei e muito bom rei de um reino lá atrás do morro. Quando ele vier, repare na cabeça dele e veja que tem um sinal de coroa em redor da testa. Para esconder esse sinal ele usa cartola, que não tira nunca, nem na igreja. [...] Pedrinho fez como Lúcia pediu. Arranjou um bom sabugo, ainda com umas palhinhas no pescoço que fingiam muito bem de barba, botou-lhe braços e pernas, fez cara com nariz, boca, olhos e tudo – e não esqueceu de marcar-lhe a testa com um sinal de coroa de rei. Depois enterrou-lhe na cabeça uma cartolinha e lá foi com ele à casa da boneca (LOBATO, 2003, p. 46-47).

Primeiro pensado, depois feito o seu corpo. Talvez Visconde guarde não somente em seus atos posteriores de devorar a biblioteca, ficando “empoeirado” por um conhecimento livresco, mas também já em sua concepção é percebida uma divisão entre corpo e mente:

- Este senhor visconde – acrescentou a menina – está mudando de gênio. Depois que caiu atrás da estante de vovó e lá ficou esquecido três semanas, embolorou e deu para sábio. Parece que os livros pegaram ciência nele. Fala difícilimo! É só física pr’aqui, química pr’ali... (idem, p. 56).

Visconde-boneco apresenta, portanto, história e características marcantes mesmo antes de nascer. E Lobato, seu autor, o que escreve em suas cartas, seus escritos pessoais acerca destes personagens? Existe algo registrado nesta escrita privada, mas ao mesmo tempo compartilhada posteriormente com seus leitores?

Mergulhar nesta leitura de cartas remete a um Lobato desconhecido, sarcástico, culto, humorista numa medida até exagerada... A escolha da carta como um elemento de análise marca uma forma de escrita que é privada, mas também é pública, porque está publicada; mais livre, sem o “freio” da crítica, do leitor que não se conhece.

Ao tomar contato com este material, surge a pergunta: Lobato tinha intenções em publicar suas cartas? Já era uma escrita pensada para isto? Mergulhar em suas cartas é mergulhar em um universo do íntimo de quem as escreve, mas que transporta o gênero textual a um outro estatuto, o de gênero literário – a fronteira dos gêneros se dissolve. Lobato apenas mostra de si o que quer mostrar, visto que em muitos momentos não há a correspondência completa – há trechos de carta escrita por ele, mas sem a resposta de seus correspondentes.

Na correspondência com seu amigo Godofredo Rangel, Lobato a intitula como “correspondência literária”. Novamente, a questão dos gêneros se dissolve e se confunde numa mistura bem brasileira, bem “à moda da casa”: as portas de uma escrita íntima que se abre ao público, ao desconhecido, revela alguma intenção de Lobato em brincar com as palavras não

apenas em seus textos literários, mas também ao infinito e além? Os dois amigos conversam muito sobre seus próprios escritos, são críticos ferrenhos um do outro. Conversam muito também sobre suas leituras, no entanto Lobato segue sempre numa posição de “tutor”, como aquele que indica as leituras (não há as cartas de Rangel). É isto proposital, para que conheçamos um Lobato com o mínimo de viés de seu amigo?

De qualquer forma, as leituras (tanto das cartas como de sua obra *Reinações*) podem indiciar uma escrita que se pretende pedagógica, escolar, nas palavras do Visconde, e renovada, nas palavras da Emília. Escrita pedagógica intencional:

Buscando dar maior solidez à empresa, Lobato envereda pelo caminho já trilhado por quase todas as editoras, investindo no gênero didático, de consumo obrigatório. De início, lança um livro de leitura que, submetido à aprovação do governo de São Paulo, foi aceito e adotado para uso no segundo ano das escolas públicas. Sob o título *Narizinho arrebitado*, acabou recebendo elogios da crítica e do professorado [...] (AZEVEDO, 2000, p. 66).

Estas características de uma escrita pedagógica, didática, estão presentes também na boneca Emília, como aquela que só fala e não deixa os outros se expressarem, pois Lobato em suas cartas com Rangel, o ouve mas parece que é sempre o último a “dar a palavra”.

E, ao dar a sua palavra em várias passagens, Lobato aponta semelhanças entre os atos de ler, escrever e o de comer, como ações extremamente ligadas ao âmago, às entranhas do ser:

... só leio o que me agrada e só quando estou com apetite. [...] Ler e comer, só quando há apetite; fora daí é uma insuportável *corvée*. Também não escrevo por obrigação. Escrevo quando os dedos comicham [...] Estômago e cérebro: duas respeitabilidades. Respeitemo-las, Rangel (ibidem, 1951, p. 48-49).

Corpo e mente aqui voltam a se unir como algo indissolúvel, quase como se fosse impossível escrever sem vontade. Sobre a escrita, ainda encontramos numa carta de Lobato à sua amada Purezinha: “Que carro de boi é a palavra escrita! As ideias afluem aos borbotões, aos montes, aos milhares, e o maldito carro só leva para o papel uma pequenina quantidade!” (ibidem, 2011, p. 45).

Seu amigo Rangel, por sua vez, é um ouvinte. É possível dizer que ele é também um “espelho” para Lobato se apresentar? Com outros correspondentes é do mesmo modo, apresentando uma escrita de si muito mais funcional do que uma biografia. Também são seus bonecos vários desdobramentos de uma escrita de si mesmo, mostrando-se e tornando-se presente a seu destinatário? Ou Lobato se inventa para seu destinatário?

Ainda sobre esta invenção, Lobato segue em carta para Rangel:

Muito interessante o que se passou com meus livros para crianças. Os personagens foram nascendo ao sabor do acaso e sem intenções. Emília começou com uma feia boneca de pano, dessas que nas quitandas do interior custavam 200 réis. Mas rapidamente evoluiu, e evoluiu cabritamente – cabritinho novo – aos pinotes. Teoria biológica das mutações. E foi adquirindo uma tal independência que, não sei em que livro, quando lhe perguntam: “Mas que você é, afinal de contas, Emília?” ela respondeu de queixinho empinado: “Sou a Independência ou Morte!” E é. Tão independente que nem eu, seu pai, consigo domina-la. Quando escrevo um desses livros, ela me entra nos dois dedos que batem as teclas e diz o que quer, não o que eu quero. Cada vez mais, Emília é o que quer ser, e não o que eu quero que ela seja (ibidem, 1951, p. 340-341).

O que esses bonecos-personagens provocam? De que modo incitam pensamentos? Brincar com estes personagens, brincar com a leitura, brincar com a linguagem e reinventar modos de existência, quiçá modos de fazer e escrever pesquisa... É deste modo que a pesquisadora se encontra com estes bonecos-personagens, como a criança que brinca e se lança à sua infância...

### Referências

AZEVEDO, C. L. de (Org.). **Monteiro Lobato, furacão na Botocúndia**: edição compacta. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000.

BIGNOTTO, C. C. Duas leituras da infância segundo Monteiro Lobato. In: LOPES, E. M. T. **Lendo e escrevendo Lobato**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 101-114.

LOBATO, M. **A barca de Gleyre**: quarenta anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel (1. e 2. tomos). 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1951.

\_\_\_\_\_. **Cartas de amor**. São Paulo: Globo, 2011.

\_\_\_\_\_. **Reinações de Narizinho**. 48. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.